

RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA, CINEMA E A DESCOLONIZAÇÃO DA DOCÊNCIA

JOÃO AUGUSTO DOS REIS NETO (1)
MARIA JAQUELINE DE GRAMMONT (2)

Resumo

Este texto é um recorte de uma pesquisa realizada na perspectiva histórico-crítica sobre experiências de formação docente, a partir dos referenciais afro-latino-americanos, envolvendo o cinema e a religiosidade afro-brasileira, por meio da figura do orixá Exu. Para a análise, utilizamos alguns enunciados dos sujeitos da pesquisa antes e depois das exibições dos filmes, em uma perspectiva dialógica e exúlica. Neste processo, percebemos o deslocamento na compreensão dos sujeitos em relação às religiões de matriz africana, antes calcadas na colonialidade, agora construídas em uma perspectiva decolonial o que nos possibilita vislumbrar uma formação docente descolonizada.

Palavras-chave: *Pedagogia decolonial; Docência descolonizada; Exu; Formação docente.*

Resumen

Este texto es un extracto de una investigación llevada a cabo en la perspectiva histórico-crítica sobre las experiencias de formación docente, basada en referencias afrolatinoamericanas, que involucra el cine y la religiosidad afrobrasileña, a través de la figura del orisha Exu. Para el análisis, utilizamos algunas declaraciones de los sujetos de investigación antes y después de las proyecciones de las películas, en una perspectiva dialógica y exulica. En este proceso, percibimos el cambio en la comprensión de los temas en relación con las religiones de origen africano, previamente basadas en la colonialidad, ahora construidas en una perspectiva decolonial, lo que nos permite vislumbrar una formación de maestros descolonizados.

Palabras clave: *Pedagogía decolonial; Enseñanza descolonizada; Exu; Formación del profesorado.*

Abstract

This text is an excerpt from a research carried out in the historical-critical perspective on teacher education experiences, based on Afro-Latin American references, involving the cinema and Afro-Brazilian religiosity, through the figure of the orisha Exu. For the analysis, we used some statements from the research subjects before and after the screenings of the films, in a dialogic and exulic perspective. In this process, we perceive the shift in the understanding of the subjects in relation to religions of African origin, previously based on coloniality, now built in a decolonial perspective, which allows us to glimpse a decolonized teacher formation.

Keywords: *Decolonial pedagogy; Decolonized teaching; Exu; Teacher training.*

(1) Mestre em Educação pela Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ). Membro-pesquisador do Grupo de Pesquisa "Laroyê - Culturas infantis e pedagogias descolonizadoras" (UFLA).

(2) Mestre e doutora em Educação, professora/pesquisadora do Departamento de Ciências da Educação da Universidade Federal de São João Del Rei.

Introdução

¿Escucharon?
Es el sonido de su mundo
derrumbándose...
el del nuestro resurgiendo.

(“Subcomandante Marcos”, 2012)

Este texto é um recorte dos resultados da pesquisa de mestrado que realizamos entre os anos de 2017 e 2019 no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São João Del Rei - MG. O que apresentamos aqui é uma reflexão feita a partir dos resultados e de nossas construções teóricas. Nosso objetivo é apresentar as potências de Exu, o orixá iorubano da dinamicidade da vida, da ordem, da comunicação, da ética (KING & RIBEIRO, 2015) como referências epistemológicas para pensar a descolonização da educação e a formação docente por meio e em diálogo com o cinema. Neste sentido, apresentamos e discutimos alguns enunciados que apontam para a possibilidade de construção de uma pedagogia decolonial (WALSH, 2013).

A epígrafe deste texto é um enunciado do “Subcomandante Marcos”, líder do Exército Zapatista de Libertação Nacional, no México, e sintetiza as intenções que buscamos com este texto. A luta pela descolonização é o som do “mundo deles” ruindo; o pensamento decolonial é o “som do nosso mundo” (res)surgindo. O “deles” a que nos referimos é o Norte, não apenas no sentido geográfico, mas a porção do globo que se pensa universal e como o centro econômico, político, intelectual e cultural do mundo, notadamente o eixo Europa-Estados Unidos (SANTOS, 2010). Quando falamos em “nós”, o “nosso

mundo” falamos dos “povos subalternos” do Sul do mundo, vítimas dos horrores da colonização europeia e mantidos, pela colonialidade (3) como subalternizados (QUIJANO, 1998). No contexto do Brasil, nos referimos a estes povos como “afropindorâmicos” tendo como base o pensamento de Antônio Bispo dos Santos (2015).

Neste texto, falamos desde as periferias epistêmicas do Sul (DUSSEL, 2008); falamos com Exu, a palavra encarnada que, com sua potência disruptiva, é uma contrapalavra aos padrões coloniais hegemônicos, construídos e mantidos pela lógica colonial ocidental (QUIJANO, 1997; BERNARDINO-COSTA & GROSGUÉL, 2016) que ao longo dos séculos normatiza e assujeita nossos modos de aprender e ensinar ao mesmo tempo que exclui e silencia os diferentes saberes que não vêm do Norte, cometendo um verdadeiro epistemicídio (CARNEIRO, 2005).

Ruptura, movimento e (re)construção, a tríade arquitetônica que sustenta a construção exúlica que propomos para pensar uma docência descolonizada (AUTOR, 2019a) foi feita a partir de três grandes horizontes teóricos: o pensamento de Mikhail Bakhtin, o pensamento decolonial latino-americano e os estudos sobre candomblé e educação, como os de Oliveira (2005), Araújo (2015) e Souza (2016). Outra parte fundamental desta construção são os saberes ancestrais, a partir da oralidade, oriundos dos terreiros e dos iniciados na umbanda e candomblé.

(3) Colonialidade refere-se a um padrão/regime de poder que transcende o colonialismo histórico e que não desaparece com a independência dos territórios/povos colonizados dos Estados colonizadores europeus.

Para este trabalho, propusemos como percurso teórico-metodológico a pesquisa histórico-cultural (FREITAS, 2002). Esta perspectiva compreende que os sujeitos estão inscritos e localizados no tempo-espaço histórico, por meio dos seus discursos, e por isto só podem ser concebidos de modo sócio-histórico (SOUZA & ALBUQUERQUE, 2012). Assim, buscamos pensar os sujeitos fora das dicotomias típicas do pensamento ocidental, inspirados por Exu, pela sua natureza dinâmica, viva e dialógica. A partir de um recorte dos resultados da referida pesquisa, selecionamos trechos de diálogos para discutirmos as possibilidades de criação de uma epistemologia e pedagogia decolonial para formar professores/as.

Considerando que tornar-se professor/a é um processo inacabado, articulando arte, vida e responsabilidade, na perspectiva de Bakhtin (2011), a pesquisa foi construída com estudantes de duas licenciaturas da Universidade Federal de São João Del Rei (História e Pedagogia) por meio de encontros chamados círculos dialógicos – construção metodológica que é apresentada de forma detalhada na dissertação que originou este texto (AUTOR, 2019a). Os encontros foram realizados semanalmente e duravam cerca de duas horas; neste espaço os sujeitos conheciam diferentes obras do cinema brasileiro e discutiam temas das relações étnico-raciais e das religiões de matriz africana. As falas foram organizadas em categorias e posteriormente analisadas. Para este texto, então, trazemos parte dos resultados, discutindo como esse processo contribuiu para a construção de uma pedagogia decolonial.

O cinema para uma docência descolonizada

Teixeira et al. (2014) destacam que o cinema pode provocar deslocamentos, nos fazendo rever aquilo que muitas vezes está posto. O cinema é uma potência, ética e estética, para pensarmos uma pedagogia decolonial comprometida com a emancipação, a democracia e a formação cultural dos sujeitos. Pensando nisto, tomamos o cinema desde uma perspectiva crítica, concebendo-o como uma prática sociocultural (TURNER, 1997) que não se encerra nos “limites textuais” da linguagem cinematográfica. Assim, sem perder de vista a dimensão artística do cinema, buscamos trazê-lo como algo que participa da formação humana, que possui uma história, atravessamentos sociais e ideológicos.

Neste processo não podemos perder de vista os sujeitos espectadores, compreendendo-os não como meros receptores, mas concebendo-os como ativos na produção de sentidos sobre a obra (BAKHTIN, 2006; STAM, 1992). Sujeitos históricos, sociais, marcados pelas suas experiências na (con)vivência com seus outros que dão sentidos múltiplos à cada texto fílmico. A produção de (novos) sentidos sobre determinado texto fílmico se dá no encontro dos sujeitos com a obra (TURNER, 1997). A partir desta perspectiva, o que significa pensar o cinema para a descolonização da docência? Significa pensar em uma ação decolonial de fortalecimento de pedagogias anticoloniais, incluindo aí as referências estéticas e audiovisuais que buscamos apresentar aos nossos educandos. E, neste contexto, Exu é o signo da descolonização. É matéria-prima da mudança em nossos modos de pensar, sentir e ensinar.

Trazemos Exu para pensarmos o cinema na formação docente como elemento importante da construção de uma pedagogia decolonial. Isto significa anunciar outras possibilidades de ser/formar professores/as. Neste encontro com o cinema, Exu não é só “conteúdo-personagem”, ao contrário, é a própria narrativa, vai nos ensinando a ver, descolonizando nosso olhar, para pensarmos na dimensão estética, que é fundamental para a formação de professores/as. Estamos, então, diante de uma verdadeira encruzilhada, lugar das possibilidades do devir, morada de Exu.

No filme de hoje veremos Exu

O trauma da colonização, como se refere Kilomba (2010), deixou nossa sociedade doente, concebendo como “errado” e/ou “do mal” tudo que não é euro-cristão branco, como é o caso das religiões de matriz africana. Araújo (2015) enuncia que Exu teve sua entrada, historicamente, interditada na escola. Mas o que isto significa, na prática? Significa que há séculos a escola, em seus moldes ocidentais racistas, sob uma racionalidade colonial, tem excluído várias formas de ser, conhecer, saber, aprender e ensinar do processo educativo formal, cometendo um verdadeiro epistemicídio (CARNEIRO, 2005). Exu ficou de fora porque é signo de uma cultura estigmatizada, mas de resistência e que rompe com a narrativa unívoca sobre os modos diferentes de existência e de nossa experiência social.

Exu também foi deixado fora dos cursos de formação docente. Os povos *afropindorâmicos* foram excluídos da nossa história, não foram autorizados a contar suas

próprias histórias, seus conhecimentos foram interditados e isto reafirma o racismo e o racismo epistêmico em nossas instituições. Por isto mesmo é preciso pensar em um movimento, um ato responsável, de descolonização dos currículos, como se refere Gomes (2012). Contudo, o retorno de Exu é certo; é o som do nosso mundo ressurgindo. Exu está lá na escola, na universidade mesmo que tentem o expulsar. Exu está nas frestas, nas portas, nas soleiras, está no movimento e na ginga dos corpos e mentes “rebeldes” que não se submetem à lógica (colonial) da hierarquização. Ele está nas práticas insurgentes, na abertura ao diálogo, nos esforços coletivos de criação de outros currículos, outros olhares e sentidos, por isso Exu é a nossa opção epistemológica para a descolonização (AUTOR, 2019b). Foi neste sentido que trouxemos o cinema para este processo.

Exu estava lá nas telas, nos ensinando, rindo, brincando e, com isso, nos “ Descarregando”, dando cabo do carregamento colonial (RUFINO, 2019) que contamina inclusive nossas experiências estéticas e culturais. Exu, então, veio nos encantar por meio de duas obras, que foram (para este texto) analisadas: “*Exu: além do bem e do mal*” (2012), de Werner Bagetti e “*A boca do mundo – Exu no candomblé*” (2009) de Eliane Coster. Os dois filmes apresentavam uma narrativa “desde dentro” da visão das religiões de matriz africana sobre Exu. Nos filmes os adeptos das religiões dos orixás contavam sobre como enxergam e experenciam Exu em suas múltiplas interpretações. De certo modo, o que pudemos ver ali era Exu se apresentando a nós pela palavra do outro. Os sujeitos-

personagens dos filmes contavam e (en)cantavam sobre a alegria de ser de orixá, de ser resistência e de ter Exu como o grande dinamizador da existência e dos modos de aprender e ensinar.

Mas de que modo estes filmes puderam contribuir para a construção de uma perspectiva decolonial para a formação docente? Na tentativa de responder esta pergunta trazemos para este texto fragmentos dos diálogos com os sujeitos da pesquisa, gravados durante os encontros. Os fragmentos selecionados, em nossa leitura, revelam parte do processo que vivenciamos durante a pesquisa e que se traduz em um processo de formação que certamente não se findou no encerramento da pesquisa. Para isso traçamos alguns pontos importantes para pensarmos este movimento, são eles: como os sujeitos enxergavam e, agora, após o processo vivenciado na pesquisa, enxergam as religiões de matriz-africana e a figura de Exu; e, por último, como os sujeitos enxergam as contribuições deste processo para a sua formação docente.

Tratemos primeiro da visão dos estudantes sobre as religiões de matriz-africana. As falas de Milton e Conceição, no fragmento retirado do último círculo dialógico, nos contam sobre o deslocamento que vivenciaram nesse processo:

Milton: Eu confesso que antes eu carregava um preconceito muito grande quando você falava das religiões de matriz africana, porque eu não posso negar a minha origem, eu fui criado em um lar cristão, minha mãe é pastora, então tem toda essa questão de como eu fui criado e do que eu ouvi falar sobre isso... Meu círculo se reduzia a essas pessoas, então quando eu começo a ter outros contatos e passo a ter curiosidade, a participar desse tipo de evento, passo a buscar conhecimento e aí vou vendo o quanto é diferente, o quanto eu estava

demonizando uma coisa... e que nem tem demônio, já que demônio é da religião cristã...

Conceição: Eu mesma via o Exu como demônio também, porque é isso que a gente ouve né? Mas mudou.

Neste fragmento é possível perceber a potência deste processo, tendo como pano de fundo a Lei 10639/03, como uma forma de os sujeitos poderem conhecer mais sobre as religiões de matriz africana, criando assim um olhar e uma cultura de respeito. Isso, de algum modo, está afinado com o que propõe o parecer CP 03/2004 do CNE, quando nos instrui acerca da desconstrução das imagens negativas e preconceituosas em relação à cultura afro-brasileira e o reconhecimento das mesmas, numa cultura de respeito.

Este processo potencializou isso e produziu em nós, ainda que como um disparador do processo de desconstrução que se prolonga além da pesquisa, esse deslocamento. Os sujeitos, e alguns nunca tinham ouvido falar desse modo das religiões, puderam, por meio do cinema, encontrar uma visão sobre as religiões de matriz africana distinta daquela forjada nos discursos coloniais. Puderam recriar as imagens distorcidas que povoavam seus imaginários. Este processo só foi possível pelo diálogo, pela palavra partilhada, pela alteridade, como nos conta Bakhtin (2006), que se colocava diante de nós a cada filme, a cada relato. Sem dúvida alguma isso gerou nos sujeitos uma abertura maior aos seus outros. Vivíamos, então, durante o processo aquilo que temos pensando como a descolonização das relações, dos modos como nos relacionamos enquanto professores/as, colegas de profissão, estudantes etc. Foi a emergência daquilo que temos pensado nas teorias que sustentaram

a nossa pesquisa.

No decorrer do processo Exu foi se apresentando, nos filmes e na palavra de cada um e isso permitiu que os sujeitos envolvidos nos círculos pudessem olhar de novo pra Exu, dessa vez com um olhar “suspenso” dos binarismos cristãos ocidental. Exu nos deslocou:

Milton: Sabe, eu acho que... foi na contramão de tudo que eu imaginava, de certa forma. Quando esse processo de conhecer um pouquinho mais, ver essa figura (Exu)... é ver, como a gente viu nos filmes... que Exu está além do bem e do mal (...), ele “vai fazer o que você pedir”, está aí a consciência humana. É trazer a responsabilidade para o humano, coisa que as outras religiões não fazem, é sempre algo ou alguém o responsável. Abstraem o fator humano e é mais fácil acreditar que algo sobrenatural veio aqui e me fez fazer determinada coisa do que assumir que é algo meu, um desejo meu. É muito simples, acreditar nesse ser invisível que te engana e seduz. O mal está dentro do homem, a questão é como vamos lidar com isso. Eu acho que a religião (de matriz africana) traz muito para isso, essa relação direta com os orixás, uma coisa muito proximal. Essa ideia de trazer para próximo de si. Os filmes fazem isso também de uma forma bonita, uma visão diferente sobre Exu. Ele é uma pessoa agradável, ao seu dispor, é basicamente isso. Seria mais próximo da figura que temos do Deus cristão do que do diabo. Porque a ideia que se tem de deus na religião cristã é isso, esse ser que está à disposição, fazendo em seu favor, que se move em seu favor, que se você clamar ele vem fazer. Isso para mim é a figura de Exu.

Conceição: Ah é tudo muito diferente (...). Eu pude ver o Exu como se fosse eu, como humana. É isso! Aquilo de fazer o bem ou não, a gente também é assim. Para mim, depois que eu conheci isso tudo aqui e vi que não era nada daquilo que achava que era, é como se (hoje) pedisse assim “ai deus, me ajuda...”, é a mesma coisa de dizer “ai Exu, me ajuda”... a relação é essa (...). Essa foi a relação que eu fiz depois. Exu sou eu. Não tem como não ser assim (risos).

Este diálogo nos dá a dimensão de como o processo foi (trans)formador, no sentido de repensar sobre as concepções que os sujeitos possuíam a respeito de Exu. Deslocamento, movimento, caminho.

Por último, não menos importante, pensemos na formação docente estrita. Percebemos que este movimento se consolidou de modo bastante orgânico, uma vez que ao fim do processo mais de um sujeito conta-nos sobre isso, como é o caso de Milton, no último círculo dialógico, quando falávamos de nossas experiências no processo que se “encerrava” ali:

Milton: Eu acho que foram discussões preciosíssimas, todos os dias isso apareceu, sempre levantando questões da educação e da Lei (...) e isso foi uma coisa bem embasada. (...) foram discussões que agregaram muito para o meu conhecimento. Graduando em pedagogia, quarto período, provavelmente serão poucas as matérias que vou ouvir falar da questão étnico-racial, se é que tem alguma, ainda não sei. Então, essa é uma questão (da lei) que vai ser pouco tocada dentro da universidade e um meio de suprir essa carência... (que a gente deveria ver aqui dentro, por lei) é espaços como este. A gente precisa buscar mesmo, pesquisar, porque a gente não precisa conhecer tudo, mas minimamente suprir a dúvida de um aluno, para fazer um diálogo onde prevaleça o respeito onde cada uma saiba aceitar e tolerar.

Este enunciado revela os efeitos da Lei 10639/03 uma vez que ela potencializa a reflexão sobre as relações étnico-raciais, sobre a história e a cultura afro-brasileira, fomentando uma cultura de respeito e igualdade, sobretudo na educação, como nos ensina Silva (2013). Este movimento de (trans)formação implicado pela Lei, como aparece na fala de Milton, demonstra a efetividade dela em promover uma mudança nos modos de se olhar para as relações étnico-raciais, sobretudo no contexto de formação docente. Ela representa uma alforria curricular e implica em mudanças concretas para a formação docente, é a perspectiva decolonial sendo materializada neste processo.

Em outro encontro, ainda pensando na formação docente, os sujeitos foram indagados sobre o que mudou na sua visão a partir de sua participação na pesquisa:

Milton: (...) estar aqui, passar por esse processo, é pensar como isso vai influenciar em minha prática enquanto professor. Como isso vai me influenciar na forma de como me colocar perante uma sala de aula, qual tipo de vocabulário que eu vou usar e o que não usar. (...) A gente está nesse processo, mas ele é contínuo e a gente vai se reconstruindo, desconstruindo, reconstruindo, aprendendo, reaprendendo, desfazendo... As coisas estão em constante mudanças. Talvez o ponto seja pensar em que isso tudo pode me afetar enquanto professor, o que isso tudo pode mudar na minha prática. E também tentar fazer essas relações pensando sempre em melhorar a prática.

Conceição: É bom estar aqui sem ser por uma obrigação, sabe. Estar aqui porque a gente quer estar mesmo. Eu acho que isso foi o mais gostoso desse processo todo. Eu mudei totalmente o meu pensamento, o modo de ver as coisas (e as religiões). A gente tem que parar de julgar, procurar mais conhecer.

Este diálogo, sintetiza bem o que foi esse processo de (des)construção acerca da imagem de Exu, das religiões de matriz africana, de modo geral e como este processo contribuiu para a formação dos sujeitos participantes. Assim, percebemos que é possível construirmos práticas e currículos decoloniais que dialoguem efetivamente com a liberdade, com a democracia e com a alegria de ensinar e aprender.

Considerações finais

Exu esteve conosco em todo este processo; ele mesmo personagem-veículo da narrativa, a palavra encarnada em cada discurso, estava ali em cada plano, em cada fala e gesto presentes nos filmes. Os sujeitos participantes da pesquisa puderam, por meio do cinema, no diálogo, recriar as imagens que

povoavam seus imaginários. Foi pelos filmes, cada um com inúmeras potências de sentido para pensarmos outras formas de ser/formar professor, uma vez que compreendemos que este processo é essencialmente plural, dialógico e inacabado. Nas palavras de Manoel Papai, de Mãe Beata e de tantos outros sujeitos-personagens destas duas narrativas fílmicas, Exu foi nos ensinando sobre as possibilidades de se educar, formar professores e professoras. O que nos interessou neste processo foi perceber que ao nos encontrarmos (e encantarmos) com estas obras, que tratavam de Exu, mas que diziam sobre identidade, cultura e resistência, estávamos, na prática, descolonizando nossas mentes (FREIRE, 1977). Era o som do mundo deles ruindo. Era a decolonialidade, pensada como princípio de ação, como ato responsável, no sentido empregado por Bakhtin (2011), sendo experienciada na prática.

Foi ouvindo cada mãe-de-Santo, cada devoto da religião dos orixás, que fomos nos apropriando das potências do pensamento afro-religioso na figura de Exu para pensarmos uma outra docência. Exu como signo da resistência afro-brasileira, desafia as epistemologias coloniais que inundam nosso imaginário e repositórios de textos acadêmicos, bem como nossas práticas em salas de aula nos cursos de formação docente. Portanto, pensar em Exu é pensar em rompimento e criação, movimentos que se alongam dialeticamente na tensão neste processo.

Nos círculos dialógicos que tratamos de Exu foi possível, por meio da palavra alheia, "sentir" Exu nos deslocando, nos movendo.

Questões essencialmente pedagógicas como o trato com a palavra e o pensamento do outro, a alteridade no processo educativo, dentre outras questões, nos ajudava a criar outros olhares sobre o “tornar-se” professor. Além disso, neste processo, buscamos proporcionar o encontro dos sujeitos com um audiovisual distinto, com produções independentes, realizadas fora dos grandes círculos de produção. Isto porque acreditamos que é preciso descolonizar o olhar. Neste sentido, ver Exu na grande tela, foi um processo decisivo na formação destes futuros/as educadores/as.

Os sujeitos que participaram deste processo abandonaram o lugar comum de preconceito, de repulsa e passam a ter um olhar de respeito e até mesmo de admiração para com estas culturas e sobre a figura de Exu. O resultado deste processo é o deslocamento concreto dos sujeitos e o lançamento de um processo inacabado que se alonga para além das fronteiras da universidade, dos currículos, que, por certo, se materializa(rá) na práxis descolonizadas destes sujeitos.

Referências

ARAÚJO, Patrício Carneiro. “Entre o terreiro e a escola: Lei 10639/03 e intolerância religiosa sob o olhar antropológico”. 2015. 242 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais - Antropologia) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. 2015.

BAKHTIN, Mikhail/VOLOCHÍNOV, Valentín N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 12a. ed. (Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi). São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 6° Ed. (Tradução de Paulo Bezerra). São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGUÉL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n. 01, p. 15-24, Janeiro/Abril 2016.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, 9 jan. 2003.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese (Doutorado em educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

DUSSEL, Enrique. *Anti-meditaciones cartesianas: sobre el origen del anti-discurso filosófico de la modernidad*. *Tabula Rasa*, n. 9, p. 153-197, Jul/Dez 2008.

FREIRE, Paulo. *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*. 1° ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREITAS, Maria Teresa A. *A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa*. *Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas)*, v. 1, n.116, p. 21-40, Jul/ 2002.

GOMES, Nilma Lino. *Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos*. *Currículo sem Fronteiras*, v.12, n.1, p. 98-109, Jan/Abr 2012.

KILOMBA, Grada. *Plantation Memories: Episodes of everyday racism*. 2° ed. Münster: Unrast Verlag, 2010.

KING, Sàlámi Síkirù.; RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. *Exu e a ordem do universo*. 2° ed. São Paulo: Editora Oduduwa, 2015.

MIGNOLO, Walter. *Os esplendores e as misérias da “ciência”: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica*. In: SANTOS, B. de S. *Conhecimento prudente para uma vida decente*. São Paulo: Cortez, 2006, p. 667-709.

OLIVEIRA, Eduardo. *Filosofia da Ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira*. 2005. Tese de doutorado (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina*. *Ecuador Debate*, n. 44, p. 227-238, Ago/1998.

AUTOR. "Exu e a descolonização da docência: religiosidade afro-brasileira, cinema e a formação de professores(as)". 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei. 2019a.

AUTOR. A pedagogia de exu: educar para resistir e (r)existir. Revista Calundu, v. 3, p. 07-33, 2019b.

RUFINO, Luiz. "Exu e a Pedagogia das Encruzilhadas". 2017. Tese de doutorado (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas Exu como Educação. Revista Exitus, v. 9, p. 262-289, Out./Dez 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). Epistemologias do Sul. 2º ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, Quilombos, Modos e Significações. 1º ed. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Lei nº 10.639/2003: 10 ANOS. Interfaces de Saberes, v. 13, n. 1, p. 1-13, Jan/2013.

SOUZA, Solange Jobim e.; ALBUQUERQUE, Elaine. D. Porto e. A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. Bakhtiniana - Revista de Estudos do Discurso, v. 7, n.02, p. 109-122, Jul/Dez 2012.

STAM, Robert. Bakhtin: Da teoria literária à cultura de massa (Tradução: Heloísa Jahn). 1º ed. Editora Ática: São Paulo, 1992.

TEIXEIRA, Inês A. C.; GRAMMONT, Jaqueline de.; AZEVEDO, Ana Lucia F. 'Me ajuda a olhar': o cinema na formação de professores. Educação em Foco, v.17, n.24, p. 147-166, Dez/2014.

TURNER, Graeme. Cinema como prática social. 1º ed. São Paulo: Summus Editorial, 1997.

WALSH, Catherine (org.). Pedagogías Decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. 1. ed., Equador: Abya Yala, 2013. 553p.
